

## DEPENDENTES QUÍMICOS NO MERCADO DE TRABALHO

***Carolina Faria das Eiras<sup>1</sup>, Fernanda de Souza Sastre<sup>2</sup>, Flávia Magalhães e Silva<sup>3</sup>, Eliana Amorim<sup>4</sup>***

1 – Rua Itapetinga, no 450, Jardim Satélite – 12230-740 – São José dos Campos – SP  
e-mail: flavia@valesaude.com.br

4 – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FCSA, Universidade do Vale do Paraíba  
e-mail: elilais@directnet.com.br

**Palavras-Chave:** Dependente Químico, mercado de Trabalho

**Área de Conhecimento:** VII – Ciências Humanas

### RESUMO

Nessa pesquisa enfocamos as dificuldades que os dependentes químicos encontram para recolocar-se no mercado de trabalho, onde além de enfrentarem a mesma dificuldade que o restante da população tem para conseguir um emprego, também possuem um obstáculo a mais, e é neste aspecto que nos apegamos no decorrer da nossa pesquisa, saber o que a dependência química interfere na recolocação de um dependente químico no mercado de trabalho.

Com a abordagem deste tema conseguimos quebrar o paradigma de que os dependentes químicos não trabalham porque não querem, observamos que o emprego é de fundamental importância na recuperação dessas pessoas, porque aumenta a auto-estima, estimulando o adicto a permanecer lutando contra a sua doença.

### INTRODUÇÃO / JUSTIFICATIVA

Dependência química e mercado de trabalho, além de serem temas polêmicos, estão muito presentes em nosso dia-a-dia. Nessa pesquisa enfocamos as dificuldades que os dependentes químicos encontram para recolocar-se no mercado de trabalho, mas essa temática possibilita muitos outros enfoques.

Vivemos em uma sociedade permeada por preconceitos, e talvez por esse motivo quando pensamos em um dependente químico logo o desemprego nos vem à mente. Na maioria dos casos, nosso preconceito nos faz pensar que o dependente químico não trabalha porque não quer. A pesquisa vem mostrar exatamente o contrário: o dependente químico não está desempregado por vontade própria, e sim porque encontra muitas dificuldades para recolocar-se no mercado de trabalho.

“Não é preciso dizer que em sociedade urbanizadas, industrializadas e mercantilizadas o acesso à sobrevivência e ao trabalho se dá predominantemente pelo Emprego” (PEREIRA, 1996). E esse emprego está cada vez mais escasso devido a um excedente estrutural de mão-de-obra.

“Ao mesmo tempo em que se restringem as oportunidades de trabalho, o

acesso ao trabalho continua sendo uma condição preliminar de sobrevivência da maioria da população” (IAMAMOTO, 2001). Assim, as pessoas encontram cada vez mais dificuldades para reinserção no mercado de trabalho e para o dependente químico essas dificuldades são ainda maiores, além do que para aqueles que estão dispostos à recuperação o trabalho é ainda mais importante pois desenvolve a auto estima indispensável à sua recuperação.

(...) a ausência de trabalho regular tende a provocar desintegração da auto-estima e da moral, produz efeitos desagregadores sobre as relações e definições de papéis familiares, aumenta a ocorrência de problemas psiquiátricos e a taxa de suicídios, rompe as relações de amizade e as rotinas de contatos sociais, entre outros efeitos psicossociais. (...) o trabalho desempenha um papel psicológico crucial e sem comparação na formação do ego, da identidade e do sentido interno de ordem e de tempo, de domínio sobre si mesmo e do ambiente, do senso de autonomia; o indivíduo sem trabalho regular perde o sentido de objetivo de vida e tem

umentada a sensação e isolamento e inutilidade pessoal. (PEREIRA, 1996)

Muitas vezes a única coisa que o dependente químico possui é a sua capacidade de trabalho. “Capacidade esta que é uma potência, uma força que só se realiza – só se transforma em trabalho – ao aliar-se aos meios e condições de trabalho que pertencem a outrem, requerendo uma intermediação prévia do mercado de trabalho” (IAMAMOTO, 2001). Segundo (PEREIRA, 1996), quando o dependente químico não consegue essa intermediação que é o emprego, ele se sente um “alijado da sociedade”, sua experiência pessoal leva-o a se ver como um não-ser, um indivíduo sem inserção social, um não-existente, mesmo que explicitamente se sinta adaptado a uma situação de carência material e dependência familiar. Os homens adultos, que antes sustentavam a família, sejam eles provenientes de camadas sociais altas ou baixas, tendem a se definir como “marginais” sociais, condição que lhes traz culpa e vergonha. No caso de mulheres adultas, a situação também é vivida com culpa, mas esta toma o sentido de uma experiência negativa de regressão vergonhosa à condição anterior de dependência da família e de confinamento na atividade obscura e invisível dos “afazeres domésticos”. A referência de ambos, sem dúvida, é à “moralidade”, por assim dizer, de uma sociedade da produção, da mercadoria, do fazer, na qual ambos estão “improdutivos”, por um tempo freqüentemente imprevisível, e que pela lógica cruel do mercado quanto mais se prolonga mais difícil se transforma o reingresso numa ocupação estável de assalariamento.

Com a abordagem desse tema podemos quebrar o paradigma de que os dependentes químicos não trabalham porque não querem, observando que o emprego é de fundamental importância na recuperação dessas pessoas.

## OBJETIVOS:

### Geral

- Identificar nos dependentes químicos que procuram no Grupo de Narcóticos Anônimos de São José dos Campos, quais os problemas por eles enfrentados quando buscam recolocar-se no mercado de trabalho.

### Específicos

- Verificar qual o perfil (idade, sexo, classe social e grau de instrução) dos dependentes químicos que buscam recolocação no mercado de trabalho.
- Observar qual a importância do emprego para a recuperação dessas pessoas.
- A partir da verificação das dificuldades encontradas para recolocação no mercado de trabalho, pelos dependentes químicos que passam por esse problema, tendo como hipótese a recaída no uso de drogas e queda de auto-estima.

## Hipóteses:

- A) Preconceito por parte do empregador e colegas de trabalho;
- B) Desatualização causada pelo desinteresse gerado pela dependência química;
- C) Falta de auto-estima;
- D) Falta de apoio da família e dos amigos;
- E) Influência de dependentes químicos que não estão dispostos à recuperação;
- F) Os dependentes químicos que procuram emprego ficam muito desestimulados diante das dificuldades encontradas e voltam a usar drogas.

## METODOLOGIA:

Para o alcance dos objetivos do trabalho foram adotados os seguintes procedimentos:

1. Pesquisa bibliográfica para levantamento de hipóteses e embasamento para elaboração da entrevista e questionário;
2. Elaboração de entrevista para ser feita com o coordenador dos Grupos de NA's do Vale do Paraíba, que inclusive foi dependente químico por muitos anos;
3. Visita à casa do coordenador para realização da entrevista;
4. Com base nas formações obtidas com a entrevista, elaboração de questionário para se aplicado em freqüentadores do Grupo de NA do

Jardim Satélite em São José dos Campos;

*Amostragem:* Conforme informações obtidas com o coordenador dos Grupos, o Grupo de NA do Jardim Satélite possui 40 freqüentadores assíduos. Com a ajuda do coordenador selecionamos 15 dependentes químicos para responder aos questionários. A seleção foi conforme a história de vida de cada um. Foram selecionados aqueles que já passaram ou passam pelo problema do desemprego, enquadrando-se assim no perfil da pesquisa.

5. Aplicação do questionário. As reuniões do Grupo escolhido são “fechadas”, ficando vetada a nossa presença para aplicação dos questionários. Por esse motivo, o coordenador foi quem aplicou os questionários;
6. A partir da entrevista e análise dos questionários, organizamos os dados obtidos para atingir os objetivos propostos.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

IAMAMOTO, Marilda V. *O Serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. São Paulo: Cortez, 2001.

LEITE, Marcos da Costa. *Conversando sobre cocaína e crack*. Brasília: Senad, 2001.

\_\_\_\_\_. *Aspectos básicos do tratamento da Síndrome de Dependência e Substâncias Psicoativas*. Brasília: Senad, 2001.

PEREIRA, Vera Maria Cândido. *Quem são os "desempregados" para a Sociologia?*, 1996.

SILVEIRA, Dartiu Xavier e SILVEIRA, Evelyn Doering Xavier. *Um Guia para a família*. Brasília: Senad, 2001.

